

ANTUNES, Antônio Lobo.  
*O Arquipélago da Insônia*. Lisboa:  
Dom Quixote, 2008. 263p.

Janaina Rocha de Paula  
Universidade Federal de Minas Gerais

Porque aquilo que escrevo pode ler-se no escuro.

Lobo Antunes

**J**omemos o livro a partir do seu título: *Arquipélago da Insônia*. O que temos de início, mesmo antes de avançarmos para o desenvolvimento da narrativa, é a visão de um texto organizado em 15 capítulos, agrupados em três partes, como grandes ilhas que se aproximam apenas a partir dos estilhaços que as compõem. Eis então um arquipélago com seus imensos “territórios ficcionais”. Ainda com o livro nas mãos, no trabalho de observar os detalhes do gesto de que foi feito, a primeira capa nos apresenta o rosto de um menino que revela a precariedade de uma visão vazada, enevoadada. Desse encontro, uma breve suspeita de que talvez não seja possível ver tudo, saber tudo o que se passa, não pelo fato de estar oculto, mas porque mesmo revelado o objeto resiste a que tudo seja descoberto. Na segunda capa, ilhas invadidas por grandes espaços brancos. Ilhas brancas. Apesar da noite insone o livro revela uma claridade ofuscante. Narrativa noturna, narrativa branca e a pergunta que marca o início da leitura: é possível dormir ao final?

Entremos então no texto. E mesmo com a frase do autor nos dizendo que “é impossível falar de um livro”, avançamos nessa tarefa. Sim, é impossível falar desse livro. É impossível

descrever, com detalhes, a história que conta. Ainda que esta esteja presente nas vozes que revelam uma “paisagem interior” ofuscante. No entanto, é possível ajuntar, a partir dos fragmentos dispostos, alguma história, os personagens e seus breves enredos. Estamos no período pós-revolucionário português, na região do Alentejo. *O Arquipélago da Insônia* seria, segundo Lobo Antunes (em entrevista por ocasião do lançamento do livro<sup>1</sup>), o primeiro livro de uma “trilogia que se passa fora de Lisboa”. A ele se seguiriam um sobre a região do Ribatejo (*Que cavalos são aqueles que fazem sombra no mar?*, lançado em 2009) e outro sobre a Beira Alta. Uma trilogia da história de Portugal, de uma decadência das classes, mas também da decadência da memória e a necessidade de sua invenção, da decadência do humano.

Se é possível descrever os fragmentos de uma história é aquela da desagregação e da falência da família; da ruína e morte de uma casa. Contam-se várias histórias: a do autista, do seu nascimento, da sua infância e das suas relações com a família e com os outros; a do pai e da mãe e do irmão; a do avô e da avó; a do feitor e do ajudante de feitor; a de Maria Adelaide que ficamos sem saber se está morta ou viva; da internação do menino, das visitas, do que resta disso. Da extraordinária prima Hortelinda que, como viremos a saber, é a morte. E no final não se conta uma história, apenas a sua insônia.

Misturado e confundido o espaço e os seus habitantes, temos a miséria (da própria narrativa? a sua escassez?), o abandono e o vazio de tudo e de todos, inclusive de Cristo e de Deus, que mesmo sendo chamado, não responde: “a prima Hortelinda indicando-o com o lábio, obrigada a escolher dada a ausência de Deus” (ANTUNES, 2008, p. 261).

---

<sup>1</sup> É possível assistir a entrevista através do You Tube ou pelo link na página do site oficial do escritor. <http://www.ala.nletras.com/entrevistas/SIC101008.htm>

Duas frases em andamento lento, vagaroso, pausado, entre o largo e o andante, cortam toda a primeira parte da narrativa e parecem ser a sua razão: “De onde me virá a impressão que na casa, apesar de igual, quase tudo lhe falta?” (ANTUNES, 2008, p. 14).; “Nessa casa a quem tudo falta apesar de igual” (ANTUNES, 2008, p. 21). São elas que nos revelam que o tempo ali é a noite da insônia – “e só percebeu que era ele, não o relógio, que se desacertava do tempo” (ANTUNES, 2008, p. 227) –, mas também todos os outros tempos que a compõe – um passado inventado, vestígios de um presente suspenso e de um futuro que não virá. Não há sucessividade temporal, não há linearidade cronológica. Os tempos são sobrepostos, sem qualquer hierarquização. E, ao contrário do que poderíamos supor, a mudança na sintaxe da frase, não é acompanhada de uma mudança na narrativa.

Como compor uma memória com os vestígios das vozes que habitam a casa? Como se desfazer de uma memória alucinada? Visto que “um livro é um delírio estruturado”, atordoante, insistente, que se organiza em torno de vozes cíclicas, formando grandes círculos concêntricos. Na terceira e última parte do livro uma voz, entre parênteses – que não sabemos se é a do autista ou do seu irmão; ou talvez dessa espécie de duplo que se forma entre as duas imagens; ou a voz do próprio autor –, nos diz: “estou a tentar escrever a minha parte depressa”. Para em seguida concluir: “escrever a minha parte, livrar-me dela, deixar-vos” (ANTUNES, 2008, p. 250-251). Livrar-se dos fantasmas que habitam a herdade, livrar-se da casa, livrar-se da voz? O livro parece se constituir nesse intervalo entre uma memória que precisa ser reconstituída, visto que o que resta são apenas vestígios, e de uma memória da qual é preciso livrar-se. Memória essa formada pelos ruídos verbais que insistem em apresentar-se.

A casa é uma presença importante na narrativa e não apenas o lugar onde esta se desenrola. Casa arquipélago, em

que cada morador se apresenta como uma ilha insone, torturados pela vigília dos fantasmas que rondam seu espaço de silêncio. Casa deserta habitada agora pelos fragmentos de uma memória/invenção – “serão lembranças ou episódios que invento, provavelmente não passam de episódios que invento” (ANTUNES, 2008, p. 15) – , pelos espectros das solidões que a frequentam, pelos objetos vivos. Sobras de uma casa, “a quem tudo falta”, inclusive as criaturas dos retratos, “casa onde não se olham e não se falam” (ANTUNES, 2008, p. 84-205), mas que nos mostra, no entanto, que “para além da vila e da herdade não resta senão mato” (ANTUNES, 2008, p. 48).

Os personagens (se os há) não têm identidade, contam apenas com rastros, breves índices de nomeação. Há uma ausência de nomes ou a presença confusa de alguns deles: “de que servem os nomes e o que se faz com eles” (ANTUNES, 2008, p. 56). O que ganha destaque são os objetos que vagueiam no espaço – fotografias, relógios, gavetas, passantes das invasões – e os gestos repetidos infinitamente. O que há é a presença da estranheza deles e entre eles, a solidão, a morte, a falta de palavras e as “lembranças que se despedaçavam em fragmentos miúdos”. O avô: déspota que abusa das mulheres da casa com a “avidez de um canário”, voz autoritária e violenta. A avó: “chávena a tremer no pires”. O menino autista: “no meio dos trastes”. Com sua vontade de compreender os pássaros – “ensine-me as gralhas”; o anseio de saber quem é, de afogar o irmão no poço; de ouvir a voz do pai, da mãe; de construir uma memória a partir dos vestígios da casa; de livrar-se dela e enfim morrer. O irmão: “que vê e não liga, escuta e não responde”. Maria Adelaide: “com tranças para frente do peito”. O Pai: “idiota”, que não se ocupa de ninguém, a quem não se conhece a voz. A Mãe: “não sei quem você era senhora”. O ajudante do feitor: “vestígios de uma traição”. E por fim, Hortelinda: “chegava na páscoa com o chapelinho de véu (...) o chapelinho

torto e a prima Hortelinda com meia cara de fora a penar com a bengala”.

A narração nas duas primeiras partes é feita pelo menino, que parece espreitar todos os movimentos. Mas há momentos em que a escrita, esta escrita (inventada ou verdadeira, não interessa), é partilhada com o seu irmão. Mas a voz que conta essa mudança é sempre a voz do narrador primeiro. É a partir da memória do menino que essas outras vozes escritas se apresentam. Não se trata de duas memórias, ou de um mesmo plano observado por olhares distintos, podendo fornecer um contraponto. É de um ponto só que o texto se tece, apesar da intrusão das vozes que altera a evolução da narrativa e a sua construção. A emergência de vozes atravessa a narração e, introduzidas pelos sinais gráficos, cortam a sequência e o desenvolvimento de uma história. Há história? O que contar senão esses índices de uma história que não há?

A narrativa é permeada por elipses, omissões e ambivalência de sentido, revelando a presença de uma falência comunicativa do próprio narrador. O que temos é a desordem, as alterações no curso do pensamento, os fluxos contínuos que atravessam lembranças e se deixam atravessar pelos vestígios da casa, dos afetos e das vozes.

Como nos sugere o narrador: “isto não é um livro, é um sonho” (ANTUNES, 2008, p. 193) e os sonhos são tecidos de imagens e de silêncios. O texto (ou o sonho) é tecido de ruídos. A narrativa fica reduzida ao osso de uma lembrança e das vozes que a atormentam. Não há desdobramento, nem acréscimos. O que persiste é o silêncio e a falta. Não há ação a desenrolar-se, apenas insônia a persistir. Essas pontas soltas na narrativa vão sendo lançadas como iscas as quais o leitor se agarra no início e depois aprende, também ele, a deixá-las soltas. Porque para ler é preciso levantar a cabeça.

A presença da morte é um dado sem alarde (morte do avô, do pai, matança dos coelhos) e narrada com certa ironia, como

nos revela esse pequeno diálogo que acontece entre o menino e a prima Hortelinda: “– Hoje tu amanhã outro ninguém cá fica palavra”. “Sem servir de nada porque lá vem o frango, o leitão, o colar de turmalinas” (ANTUNES, 2008, p. 214). Essa é a morte anunciada, que atravessa toda a narrativa e se apresenta com a chegada da prima Hortelinda: “e a prima Hortelinda a mostrar-me o livro”. Essa é a morte barganhada, esperada, aquela que talvez coloque um fim nessa insônia. Que faça cessar as vozes e retire do morrer o seu *r* infinito.

Na última parte do livro, em que a voz principal deixa de ser a do menino, temos a continuidade dessa paisagem interior corroborando (na medida do possível) informações já veiculadas e preenchendo alguns dos pontos de indeterminação que as duas primeiras partes deixam em aberto. Não se trata da solução dos pontos obscuros do início, mas de intromissões de vozes que fazem breves laços associativos com as vozes primeiras. Mas também aqui o silêncio da voz do menino é atormentado pela presença da sua insônia.

Para terminar, porque não se pode ver, porque não se pode ler o indecifrável. Ler no escuro, quer dizer, escutar as vozes que habitam essa escrita em vigília, taciturna, para a qual não há redenção.

“– Daqui a nada é manhã  
E não será manhã nunca” (ANTUNES, 2008, p. 263)

Eternamente acordado, em vigília vertiginosa, pois nessa casa que apesar de igual, quase tudo lhe falta, também o nome falta ao livro: “não consta do livro”. “Estou a acabar prima Hortelinda e estou vivo” (ANTUNES, 2008, p. 262).